

PREFÁCIO

À imagem e semelhança de Deus fomos criados. Esta é nossa Origem, nossa Criança interior, nossa Essência. No entanto, em cima desta Identidade nossa, desta “impressão digital” do divino em nós, aos poucos se formou uma “camada posterior” – digamos, no meu caso, um segundo Ariovaldo. Camada formada por milhares de informações que “arquivamos” e se agregam a nossos corpos no percurso da caminhada. Material “escondido” e muito ativo, que se transforma em “padrão de vida” e de “comportamento”. Ativo e muitas vezes até mesmo enganoso – depende de nós! –, pois a partir dele podemos pensar que apenas isso somos nós. Em outras palavras, nossos pensamentos substituem nossa Identidade original criada por Deus por outra criada por nós. E nos convencemos de que somos isso mesmo, isto é, o rótulo que criamos sobre nós, os outros e o grande Outro. Com isso, aprisionamos em nós a Criança, o Mistério e, conseqüentemente, alienados de nós mesmos, sentimo-nos inseguros, ansiosos, com medo, fragilizados, atribulados, culpados, fanatizados, agressivos etc. E para “defender-nos” e “proteger-nos”, nossa mente arquiteta e aloja em nossos corpos armaduras e couraças contra supostos “inimigos” que ilusoriamente vai criando. E/ou, pior ainda, simplesmente

nos fechamos no “nosso” mundo... Tal fenômeno se dá também em nível coletivo (países, raças, gêneros, corporações, religiões...).

O cristianismo, por exemplo, representado pela religião católica, a certa altura da história, acabou identificando-se de tal modo com a conceituação racional a respeito de Deus, Jesus Cristo, Espírito Santo, Palavra de Deus, Igreja, Ser humano, Liturgia, Catequese, que, no esquecimento da sua mais pura Origem, muitas vezes caiu feio nas armadilhas do pensamento humano. As consequências foram desastrosas.¹

No que tange à iniciação cristã, seu eixo foi deslocado de uma acurada iniciação mistagógica na era patrística para um tipo de iniciação preferentemente racional em todo o segundo milênio. O conteúdo da catequese, a saber, o próprio mistério do Deus salvador celebrado na liturgia e vivido no dia a dia cedeu lugar à simples e fria listagem dos mandamentos de Deus e da Igreja, a fórmulas teológicas fixas, ameaçadoras lições de moral, listas de pecados, virtudes e obras de misericórdia etc., a serem decorados. A “religião” que então se passa é antes a de conceitos doutrinários, da intimidação e do medo, do pecado e do inferno, e não tanto da comprometedora libertação pascal celebrada na liturgia.² E isso virou padrão cultural inconsciente, individual e coletivo, que hoje ainda demanda ser re-evangelizado.

¹ Cf. SILVA, J. A. Reforma litúrgica do Vaticano II. “Para um jeito renovado de ser Igreja”. In: BRIGHENTI, A. e MERLOS ARROYO, F. (orgs.). *O Concílio Vaticano II: Batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2014, p. 149-172.

² Como é notória, por exemplo, aqui no Brasil a catequese sugerida para ser aplicada aos índios e escravos negros no século XVIII (cf. SILVA José Arioaldo da. “A liturgia que nossos índios e negros tiveram de ‘engolir’”. In: *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 159, 2000, p. 4-6).

Só mesmo com o advento do Concílio Vaticano II, há cinquenta anos, no seu intuito de voltar às fontes, isto é, às raízes da nossa tradição cristã, é que vem se buscando, a muito custo, resgatar a relação íntima entre liturgia e catequese como forma de fato eficaz de evangelização. A muito custo – compreende-se –, pois nosso inconsciente católico ocidental, individual e coletivo, ainda continua fortemente padronizado segundo esquemas de iniciação cristã medievais e pós-tridentinos, na base da simples decoreba de conceitos religiosos.

Pois bem, temos aqui hoje um esmerado trabalho de conexão a uma fonte e, através dela, à Fonte. Rosemary Fernandes da Costa – ou Rose, como é conhecida pelos amigos, – cristã socialmente engajada e professora de larga experiência no Rio de Janeiro, vem partilhar conosco sua pesquisa de mais de 10 anos, no campo da teologia e pastoral, em torno de um tema vital, e da maior importância, para os processos de evangelização no Brasil e no mundo: o tema da mistagogia. Mais que pesquisa, o que ela partilha é sua experiência de fé a partir do seu encontro pessoal com o Mistério de Deus, via Cirilo de Jerusalém, bispo e mistagogo³ do século quarto. Bem situado no seu tempo e em suas célebres Catequeses perfeitamente adaptáveis aos tempos atuais, podemos ter aqui o prazer de “ouvir” um Cirilo com tino profundamente humano, simples, familiar, acessível no trato com os ouvintes, místico.

Mistagogia tem a ver com “ação de conduzir ao Mistério” ou, ainda, “ação pela qual o Mistério nos conduz”.⁴ Arte

³ Mestre na arte de iniciar/conduzir ao Mistério.

⁴ Cf. CORBON, J. *A fonte da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 11, e p. 110, nota 10.

de conduzir ao Mistério, aplicando a arte de o Mistério nos conduzir. Trata-se de uma pedagogia religiosa e cristã que, necessariamente, leva em conta a presença viva do mistério de Deus como primeiro agente ativo na totalidade do ser humano e do mundo. E “toda e qualquer experiência religiosa e cristã desta presença exige uma sintonia com o Mistério imanente e implícito na história, na vida de seus filhos e filhas, na dinâmica da Criação”: É a convicção explicitada pela própria autora nesta obra produzida em consonância com o “pedagogo da fé do povo de Deus”, a saber, o Espírito Santo e seu modo de operar.⁵

Trata-se de um tema mais que oportuno para as comunidades eclesiais de hoje: o tema da mistagogia como método (caminho, processo) de formação cristã. A qualidade e qualificação dos cristãos hoje, numa Igreja chamada a ser, toda ela, ministerial, demandam, mais do que nunca, uma formação de cunho mistagógico, que leva a fazer a concreta experiência do Mistério. Quem entrou nas veredas desta experiência – homem e mulher – será com certeza um bom pastor, um pai e mãe de família, um religioso, um educador da fé, um catequista, um teólogo, um presidente de celebração litúrgica, um ministro da Palavra, um agente de pastoral, um discípulo missionário de fato afinado com o Espírito do mestre Jesus.

A presente obra vem contribuir, com certeza, para uma renovada consciência e implementação de uma nova evangelização, com novo vigor e novos métodos. Vem contribuir no sentido de nos convenceremos mais e mais do sentido e

⁵ Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 1091.

suma importância da mistagogia, não só na formação cristã inicial, mas em todos os âmbitos da vida eclesial.

Trata-se de um livro de inegável valor, que denota sensibilidade litúrgica e profunda experiência do Mistério. Um grande trabalho escrito numa linguagem fluente, acessível e simples, estilo elegante, com apresentação e clareza didáticas.

Fiquei feliz pela chance de “ouvir” QUEM está por trás deste escrito. Ao ler estas páginas, tive eu mesmo a sensação de ser tomado pela mão por uma mistagoga e por ela conduzido para dentro do Mistério amoroso de Deus. Isto é, deixando ela mesma, Rose, conduzir-se pelo grande mistagogo Cirilo de Jerusalém, vai como que desdobrando para o leitor e leitora sua pessoal experiência de iniciação cristã (experiência de fé crescente!) e, assim fazendo, a gente mesmo vai se percebendo conduzido pelo Mistério e se apaixonando mais e mais por ele. Em outras palavras, aqui a gente se sente conduzido pelo Mistério, que conduziu a autora, que se deixou conduzir pelas Catequeses de Cirilo... Rose, no Brasil, em pleno século XXI; Cirilo, em Jerusalém, em pleno século IV. Mas ambos – e agora um “terceiro”: os leitores! – conduzidos por Aquele para quem o tempo não tem idade. Lendo este livro, não só recebemos informações teóricas, mas, na sua tessitura, vamos saboreando algo mais que meras informações. A saber, vamos mergulhando no Mistério, e o Mistério em nós.

Este livro deixa-nos transparecer uma mística. Faz-nos encontrar com nós mesmos e com os outros, na nossa Essência, no Mistério que nos habita e habita toda a criação. E é exatamente isso que estamos precisando nos tempos de

hoje: mística. Não misticismo fanático, mas experiência do Mistério que nos leva a superar um acomodado formalismo religioso em favor de uma real vivência eclesial cristã, na liturgia e na vida, que nos fortalece no cuidado amoroso de todo ser humano e de toda a criação, a exemplo de Jesus Cristo, Corpo entregue e Sangue derramado em favor de todos. Bendito seja Deus!

Meu irmão leitor, minha irmã leitora, boa leitura, bom estudo, boa reflexão, boa oração, pessoal ou comunitária, bom mergulho de corpo inteiro n'Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida, para com ele fazer Corpo no grande mutirão em favor do resgate e garantia de vida com qualidade para todos.

Frei José Ariovaldo da Silva, OFM
Quarta-feira de Cinzas de 2015

INTRODUÇÃO

*E o fim de todas as nossas explorações
será chegar ao lugar de onde saímos e conhecê-lo
então pela primeira vez.*

T.S. Eliot

Com este trabalho desejamos partilhar a pesquisa de dez anos no campo da teologia e da pastoral de um tema que vem sendo assumido pela Igreja como fonte para os processos de evangelização no Brasil e no mundo e que se tornou muito precioso para nós: a mistagogia.

Tudo começou com a observação de que os processos de transmissão da fé viviam tempos de crise. Lideranças e agentes de pastoral constatavam que muitas pessoas, mesmo que educadas em ambientes religiosos, estavam distanciadas da experiência religiosa. Em muitas avaliações dos processos pastorais e pedagógicos se buscava compreender as razões de uma possível defasagem entre o processo de evangelização e a realidade dos ouvintes.

Nossa sociedade caminhou para um grande investimento na formação do indivíduo, da autonomia do sujeito, mas também em novas formas de relacionamento social, econômico, moral, e também espiritual. Mas será que realmente este enraizamento no indivíduo trouxe discursos de sentido, de significado para a vida, de orientação e de integração com as muitas dimensões da pessoa humana? Tudo indica que não. A busca pela subjetividade racional e

definida por sistemas econômicos trouxe novas demandas: pela interioridade, pelas dimensões “esquecidas” da pessoa, pela afetividade, pela capacidade de se relacionar e encontrar sentido não apenas no dia a dia, e sim como orientação vital. Muitas pessoas estão diante dessas questões, se dando conta de que o ser humano é criação, inteligência, afeto, mas também é místico. A mística é necessária para o ser humano porque o segredo da vida não se encontra na busca puramente racional. A busca pelo conhecimento, por uma sociedade melhor, revela a dimensão de transcendência do ser humano. Nesse caldo estamos vivendo o resgate de muitas experiências provenientes da filosofia oriental, sincretismos e espiritualidades sentimentalistas. Sem emitir qualquer julgamento sobre os fenômenos de cunho religioso que surgem nos mais diversos espaços culturais, nos perguntamos: Por que não resgatar o coração do cristianismo? O cristianismo é uma religião mística, está na sua origem, no seu patrimônio, impresso na Tradição, na Sagrada Escritura, na trajetória do Magistério. Essa é a nossa intenção com este trabalho: resgatar a mistagogia, fonte da mística e caminho de abertura do ser humano à relação com Deus e, assim, consigo mesmo, com os outros, com o mundo, com toda a natureza.

Esta é a interpelação central e inspiração que nos fez desenvolver a pesquisa em torno do tema da mistagogia, como um eixo referencial para a evangelização hoje. Num primeiro momento, por ocasião de nossa dissertação de mestrado, abrimos o foco para os processos de evangelização em sua abrangência. Percebemos, então, quanto o tema merecia um aprofundamento na direção de suas raízes na experiência

patrística. Foi assim que caminhamos para a releitura de um dos padres da Igreja do século IV: Cirilo de Jerusalém.

Na experiência da catequese mistagógica, vivida na Igreja nos séculos III e IV, encontra-se uma fonte fecunda da Igreja que pode ser paradigmática para os processos de evangelização hoje, especialmente para a Iniciação Cristã.

A catequese patrística conheceu um processo de organização em vista dos desafios pastorais e do contexto histórico em que se situava. Sua estruturação foi processual, e viveu um momento histórico excepcional, de expansão e de crescimento no final do século III e início do século IV. Nesse momento, encontramos em Hipólito de Roma a sistematização do catecumenato, e, no século seguinte, virão os principais documentos que atestam não apenas esta estruturação, mas principalmente a dimensão litúrgica e comunitária presentes naquela visão de catequese, especialmente com Cirilo de Jerusalém, Teodoro de Mopsuéstia, João Crisóstomo, Ambrósio de Milão, Gregório de Nissa e Agostinho de Hipona.

Sendo a mistagogia o tema central de nossa pesquisa, optamos por focar uma obra que muito se aproxima de nosso tema: a coletânea das *Catequese mistagógicas*, de Cirilo de Jerusalém. Por isso nos dedicamos a analisar seus textos e seu bordado teológico, metodológico, litúrgico e pastoral, que, com harmonia incomparável, nos revela a Mistagogia presente na pessoa, na espiritualidade e na ação pastoral desse Santo Padre da Igreja.

Olhando de perto a experiência de Cirilo, podemos estabelecer um diálogo aproximativo entre esta e a experiência teológico-pastoral presente na Igreja hoje.

Convidamos você, leitor e leitora, a procurar ouvir Cirilo falar, buscando entrar em sintonia com seu tempo e, depois, pouco a pouco, deixar-se conduzir, pelas mãos dele, pelos mesmos caminhos com os quais orienta seus catecúmenos. Acreditamos que, dessa forma, poderemos beber dessa fonte e, inspirados por Cirilo, cultivar um caminho catecumenal-mistagógico para nosso tempo.¹

Nossa segunda etapa será dialogar com Cirilo, aproximando estes dois momentos históricos tão distantes cronologicamente: os séculos III e XXI. Faremos então outro caminho mistagógico: a partir da contemplação dessas duas realidades, buscaremos compreender a teologia que embasa a forma pastoral-pedagógica com a qual conduzia a Iniciação Cristã e nela identificar as categorias mistagógicas para os processos de Iniciação Cristã de nosso tempo.

Em consonância com a maternidade eclesial, desejamos que este re-caminhar nas fontes e nas raízes da Tradição possa se tornar memória viva para o nosso presente, especialmente para o processo de Iniciação Cristã. Que possamos estar em parceria, teologia e pastoral, e, em unidade com a sabedoria dos Santos Padres, manter em nossas comunidades o coração pulsante e sempre novo da fé em Cristo Ressuscitado.

¹ Uma sugestão para o leitor é ter em mãos as *Catequeses mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém. Em português podem ser encontradas na editora Vozes: CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Trad. F. VIER; introd. e notas F. FIGUEIREDO. Petrópolis: Vozes, 1977; ou já disponíveis na internet, em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/catequeses_mistagógicas.html>.

UM POUCO SOBRE A MISTAGOGIA NOS SÉCULOS III E IV

Na Igreja dos séculos III e IV, a Iniciação Cristã foi compreendida como um caminho, um processo, uma trajetória: de introdução, abertura e diálogo com o Mistério de Deus. Nesse caminho, o princípio ativo e dinamizador é o próprio Deus, que se revela na história a cada homem e mulher, em seu tempo e lugar. Os Padres da Igreja tinham como fundamento de sua teologia essa dinâmica dialogal de Deus com os homens e mulheres de cada tempo que amorosamente revela seu mistério e pedagogicamente acompanha e orienta o processo livre e responsável dos seres humanos. Em muitos textos os Padres enfatizam a primazia de Deus, que precede, acompanha e possibilita a resposta humana. Por outro lado, não deixam de exortar para a resposta humana, na abertura, na conversão, nas suas escolhas cotidianas.²

O processo catecumenal era compreendido como um caminho de aprendizagem global para ajudar os neófitos a se tornarem discípulos de Cristo. Para tanto, os Padres desenvolvem um processo de formação no qual a vida pessoal, a espiritualidade, os ritos litúrgicos e a comunidade estão

² Cf. CAVALLOTO, G. (org.). *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996, p. 49.

integrados. Nessa breve descrição já podemos perceber que, neste caminho catecumenal, encontram-se componentes fundamentais: o primado da ação de Deus, a abertura de cada ser humano, a compreensão de itinerário pedagógico-espiritual-litúrgico e a dimensão comunitária.

Enfim, a espiritualidade, a liturgia e a pedagogia são dimensões que dialogam entre si. Torna-se relevante aqui percebermos que a dimensão dialógica ocorre porque os Padres da Igreja possuem uma teologia de fundo: a mistagogia. É a mistagogia sua chave de leitura, o eixo referencial de onde brotam as inspirações e as orientações no processo catecumenal.

E. Mazza, grande estudioso da patrística, nos diz que a mistagogia foi conhecida na tradição como *a explicação teológica do fato sacramental ou dos ritos que compõem a celebração litúrgica*, contudo é muito mais do que um gênero literário ou uma metodologia pastoral-litúrgica. É o próprio Mazza quem afirma: “A mistagogia é a teologia dos primeiros tempos”.³

O termo *mistagogia* tem sua origem em dois vocábulos gregos: *mystes*, que significa mistério, e *agein*, que significa conduzir. Mistagogia vai adquirir o sentido de “conduzir através do mistério”, “iniciar ao conhecimento do mistério”.

Etimologicamente possui o sentido de ser conduzido para o interior dos mistérios, e, na Iniciação Cristã, para o mistério que é “Cristo em nós, esperança da glória” (Cl 2,19). Na Antiguidade cristã, o termo “mistagogia” designa, sobretudo, a explicação teológica e simbólica dos ritos litúr-

³ Cf. MAZZA, E. *La Mistagogia. Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Centro Liturgico Vincenziano, 1988, p. 6-7.

gicos da iniciação, em particular do Batismo e da Eucaristia. Outro sentido para a mistagogia está relacionado à ação sacramental, que configura o neófito como nova criatura, renascido pela água do Batismo e alimentado com o Pão da Vida.⁴

Vejamos como os Santos Padres aplicam o termo *mistagogia* para diferentes realidades, demonstrando compreender a mistagogia de forma abrangente: a teológica, a litúrgica e a pastoral.

Os Padres Capadócius⁵ – Basílio Magno, Gregório de Nissa e Gregório Nazianzo – são os primeiros a aplicar o termo *mistagogia* às ações sacramentais do Batismo e Eucaristia. Gregório de Nazianzo integra as ações sacramentais e o ministério presbiteral. Em seus textos, observamos que o termo *mistagogia* indica a ação sacramental em três expressões: o Batismo, a Eucaristia e o ministério presbiteral, visto como exercício da mistagogia, que o padre cumpre em nome de Cristo, em virtude de sua ordenação.

Já em Cirilo de Jerusalém, o termo emerge em situações diferentes. Nas *Catequeses pré-batismais* e nas *Catequeses mistagógicas*,⁶ indica tanto a celebração dos sacramentos

⁴ Cf. CERVERA, J. C. "La Mistica dei sacramenti dell'iniziazione Cristiana". In: AN-CILLI, E.; PAPAROZZI, M. *La Mistica. Fenomenologia e riflessione teologica*. Roma: Città Nuova, 1964, p. 77.

⁵ Basílio Magno (329-379), Gregório de Nissa (335-394) e Gregório Nazianzo (330-390) são conhecidos por terem desenvolvido diversos temas doutrinários com ênfase na doutrina da Santíssima Trindade, no entanto, aqui nos interessa o testemunho das Igrejas da Capadócia sobre seu programa teológico e catequético.

⁶ As dezoito *Catequeses pré-batismais* e as cinco *Catequeses mistagógicas* são a obra catequética atribuída a Cirilo de Jerusalém. O primeiro grupo de *Catequeses* é dirigido aos catecúmenos que participarão do Sacramento do Batismo, e o segundo grupo, as *Mistagógicas*, é dirigido aos recém-batizados. Mais adiante, veremos de forma mais detalhada as obras de Cirilo e o debate quanto à autenticidade de sua autoria.

como as instruções que se seguem. Cirilo também utiliza o termo *mistagogia* em algumas tipologias, designando uma ação de salvação, proveniente de alguém que acolhe o Mistério de Deus e se torna mediador desse Mistério.

Ambrósio de Milão⁷ também apresenta suas homilias sempre depois dos sacramentos da Iniciação Cristã. Ele enfatiza o caráter mistagógico na parceria entre a acolhida do Mistério na experiência sacramental e a compreensão desta liturgia. Suas explicações pressupõem a experiência do Mistério de Deus através de descrições, questões e aprofundamento. Também João Crisóstomo apresenta suas catequeses mistagógicas segundo a prática litúrgica pós-batismal.

Estamos diante da dimensão do mistério, termo que aponta para uma realidade desconhecida, íntima, oculta, uma presença por se revelar. No Cristianismo, o Mistério de Deus se revela à humanidade e convida a uma abertura existencial, que conduz tudo e todos à plena realização. O Mistério de Deus nos fala da História da Salvação, plenificada na encarnação, na redenção, na Páscoa de Jesus. Enfim, é o Mistério Pascal, ou Mistério de Cristo, Mistério da fé.

A liturgista brasileira I. Buyst identifica dois momentos constitutivos do Mistério Pascal que se faz presente nas celebrações eucarísticas: a liturgia da Palavra e a liturgia sacramental.

⁷ Ambrósio de Milão (339-400), conhecido por sua intensa atividade pastoral, social e política, elabora sua teologia a partir dos Padres Gregos e de autores judeus e pagãos, como Filon e Plotino. Sua obra é largamente documentada com escritos exegéticos, morais, ascéticos, dogmáticos, além de discursos, cartas e hinos. As obras de caráter catequético mais próximas de nossa pesquisa são *De sacramentis* e *De mysteriis*. Cf. ANGRISANI S. M. L. "Ambrósio de Milão". In: BERNARDINO, A. (org.). *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Paulus, 2002.

Na liturgia, o mistério pascal de Jesus se faz presente, em toda a sua densidade e extensão, atuando no rito litúrgico, na celebração memorial, principalmente na celebração eucarística. É o mistério da fé presente *na e pela* ação ritual que inclui: a narrativa e interpretação dos fatos – liturgia da Palavra; e as ações simbólicas relacionadas com esses fatos – liturgia sacramental.⁸

De onde vem esse saber? Vem da elaboração dos Padres da Igreja, fruto da recepção da liturgia, das tradições apostólicas⁹ e do diálogo com as reflexões teológicas de seu tempo. Para eles, a Palavra de Deus é fonte mistagógica, e as ações litúrgicas são sinal e presença do próprio Cristo, mistagogia viva e fecunda para a comunidade eclesial que se reúne em torno desse altar. O itinerário catecumenal é, assim, como o eco da Revelação proclamada na Escritura e em tudo que cerca o ser humano. Esse diálogo faz emergir no próprio ser humano não apenas seu contato com a Revelação, mas também sua resposta efetiva e processual.¹⁰

Este jeito de fazer teologia, acolhendo a tradição apostólica e dialogando com sua realidade, nos ajuda a compreender mais facilmente os dois elementos mais constantes na

⁸ BUYST, I.; SILVA, J. A. *O Mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 82-83 (grifo nosso).

⁹ As tradições apostólicas são escritos que refletem a pregação apostólica, imagem da Igreja nascente. Possuem uma intenção prática, exortam à penitência, à disciplina eclesial, explicam de modo simples alguns conteúdos doutrinários. Enfim, são geralmente orientados no sentido de edificação e de instrução, e são a fonte mais antiga depois dos escritos neotestamentários. Estão entre eles a *Didaqué*, *Doutrina dos Doze Apóstolos*, de autor desconhecido; a *Epístola de Barnabé*, atribuída ao apóstolo Barnabé, colaborador de Paulo; a *Carta de Clemente de Roma*; os *escritos de Inácio de Antioquia*; a *carta de Policarpo de Esmirna* e os *escritos do bispo Papias*. Cf. BOLLIN, A.; GASPARINI, F. *A catequese na vida da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 28.

¹⁰ Cf. CAVALLOTO, G., *op. cit.*, p. 65.